

**LESSA, Sandra Urizzi.** A Busca por Narradores no Cotidiano: uma Experiência. Bacharelada em Comunicação das Artes do Corpo; Mestranda Instituto de Artes; FAPESP; UNICAMP.

### RESUMO

Ouvir histórias de vida pode ser um modo de investigar qualidades do tradicional e do contemporâneo? Esta é a pergunta que gera impulsos para uma pesquisa teórico-prática que tem como principal referência a obra de Walter Benjamin, cujo tema da narratividade possui um denso espaço. Ele atribui ao ato de narrar a capacidade de gerar uma profunda experiência humana possível de dilatar a relação com o tempo e o espaço. Por meio de uma relação viva com o passado podemos atualizar a memória ao trazê-la para o presente e refletir sobre tradição, experiência e narração. Por outro lado, nas artes contemporâneas podemos encontrar uma busca por qualidades que possam gerar uma dilatação no momento presente e que integrem os elementos que compõem tal momento, muitas vezes fazendo das situações inesperadas sua maior riqueza. Intervir no cotidiano buscando modos para ouvir o outro tem sido um caminho trilhado nos últimos anos desta pesquisa; onde também se acaba criando uma fricção com a afirmação de Benjamin de que a narração está em via de extinção. Um desafio que tece memórias compondo uma coleção de histórias de vida de pessoas que até então eram minhas desconhecidas. Se o tempo da sociedade atual não beneficia experiências profundas, torna-se um desafio encontrar modos no cotidiano para ouvir, conhecer e reconhecer histórias, atentando para o momento presente com as possíveis latências.

**Palavras-chave:** História de Vida. Narratividade. Experiência. Tradição. Contemporâneo

### ABSTRACT

Listening to stories of life can be a way of investigating qualities of traditional and contemporary? This is the question that generates a pulse for theoretical research and practice that has as main reference the work of Walter Benjamin, whose theme of the narrative has a dense space. This attaches to the act of narrating the capacity to generate a profound human experience as possible to extend the relationship with time and space. Through a living relationship with the past can upgrade the memory to bring it to the present and reflect on tradition, experience and narration. On the other hand, in the contemporary arts can find a search for qualities that can generate an expansion in the present moment and to integrate the elements that make up that time, often making the most of unexpected wealth. Intervene in the daily seeking ways to hear the other has been treading in the last year of this research, which also ends up creating friction with the statement that Benjamin narration is in danger of extinction. A challenge that weaves memories composing a collection of life stories of people who were my hitherto unknown. If time does not benefit society today profound experiences, it becomes a challenge to find ways in

everyday life to hear, know and recognize stories. Attending to the present moment with the possible latencies.

**Keywords:** Life Story. Narrativity. Experience. Tradition. Contemporary.

A problemática da oralidade acompanha profundas reflexões do filósofo Walter Benjamin no decorrer de toda a sua obra. A questão da narrativa compreende para Benjamin uma possibilidade não somente de relatar, mas sim, e mais precisamente, uma possibilidade de realizar uma efetiva experiência humana. Ao afirmar que a figura do narrador está em via de extinção, Benjamin reflete sobre modos de comportamentos e valores que fundamentam nossa sociedade atual, atribuindo certa pobreza instaurada no campo da experiência humana.

Benjamin não separa a tradição oral e a experiência de vida que atravessa um sujeito, afirma que a grande experiência coletiva (*Erfahrung*) funda a narrativa tradicional com todo seu calor e dinâmica. O conceito de experiência é tratado com complexidade por Walter Benjamin. *Erfahrung* é o conhecimento obtido por meio de uma experiência que se acumula envolvendo tempo e armazenamento sequencial de fatos e tem a ver, portanto, com um conhecimento adquirido na prática da vida. O que ocorre durante a narração de uma história não fica reduzido a ocupar um espaço objetivo, é algo que transcende palavras e que tem a ver, portanto com a experiência do momento. Trata-se de um momento capaz de gerar uma espécie de acolhimento bastante singular que auxilia na elaboração de situações humanas através de palavras abertas ao imaginário. Acolhimento que nos chega em forma de aconselhamento — termo proposto pelo próprio Benjamin — e que é reflexo de um conjunto de experiências construídas através do tempo (sabedoria<sup>1</sup>). Este conselho pode-se dizer, está no “fundo” das palavras e carrega em si um tom misterioso que vai sendo desvendado pouco a pouco no desenrolar de uma narrativa. Mas, não é feito caricaturalmente com opiniões rápidas ou julgamentos apressados sobre um sujeito ou determinada situação. O conselho está para além do que é dito, trata-se menos de tentar responder objetivamente perguntas, é “de fato menos resposta a uma pergunta do que uma proposta que diz respeito à continuidade de uma história que se desenvolve no ‘agora’”. Ele está na contramão de regras imperativas ordenadas, não sendo um reproduzidor de normas e comportamentos objetivos com o intuito de guiar, mas, sobretudo um modo bastante singular de sentir; tal modo de sentir entendido como a capacidade de acolher, de elaborar situações e gerar reflexões que certamente não são compreendidos tão somente pela razão. Trata-se de uma compreensão mais visceral que apreende códigos de gestos, identifica ritmos da respiração com suas possíveis pausas, realiza leituras do olhar, transitando

---

<sup>1</sup> A tradição diz respeito a um conjunto de representações significativas que traduzem modos de fazer e saber de determinados grupos. Pode-se dizer que ela guia maneiras de ser e estar, bom como, os modos dos sujeitos se relacionarem entre si e com a vida; estando assim entrelaçada a ideia que fazemos do tempo e do espaço. Na experiência da tradição sob o ponto de vista *benjaminiano*, toda a experiência tomada por “verdadeira” deriva necessariamente da tradição e, como um movimento de retorno, deve novamente se remeter a ela.

fundamentalmente nas sutilezas dos movimentos do corpo e na reconfiguração de um espaço-tempo inteiramente presente. Mais do que uma simples transmissão de uma informação, a comunicação estabelecida com o ouvinte, aqui deve ser entendida como a relação criada entre este e o narrador, é isto que faz gerar um interesse, que comove, e causa uma identificação com o que é narrado. Esta forma de comunicação que diz respeito ao um e ao outro imprime marcas em quem ouve e narra.

Porém, a afirmação de que esta complexa forma de comunicação está se acabando, ou no mínimo a figura do narrador é bastante rarefeita, se imprime em nossa sociedade, pois as condições para que a narração exista são frágeis na sociedade moderna, onde o tempo é entrecortado e interdito de espaços para a contemplação (contemplar a relação com o tempo, ambiente, alimento, vestuário, rituais: horizontes). As gerações que acompanham este modelo social se transformam de forma abrupta. Seguem os estímulos da modernidade numa corrida que ovaciona a “novidade” e todas as suas ofertas. Em seu oposto, nas comunidades artesanais ainda existe uma dimensão prática e utilitária da narrativa que é o de transmitir o conhecimento, ensinar e educar as novas gerações quando, quem ouve está se beneficiando com a experiência que lhe está sendo passada. Assim, a arte de contar estaria em declínio porque ela representa fundamentalmente a transmissão de uma experiência no seu sentido pleno, cujas condições sociais para que isso ocorra já não existem mais. A problemática da oralidade, segundo Benjamin, concentra em si os paradoxos da sociedade moderna que ficarão cada vez mais acentuados com o veloz desenvolvimento do capitalismo. Se o tempo entrecortado e sobrecarregado de estímulos pode interferir na percepção que temos do mundo, também pode enfraquecer possibilidades de uma experiência mais “humanizada” com o mundo.

Atualmente vivemos numa sociedade que supervaloriza a informação. Vide cursos que oferecem informações e formações cada vez mais rápidas, como se o fato de adquirir tal informação sobre um assunto garantisse ser um sujeito mais pronto e articulado com as questões atuais de sua sociedade. Contudo, estar informado não garante que se é experiente no assunto podendo até mesmo significar seu oposto, pois o excesso de informação pode não deixar lugar para a experiência ser aprofundada. A informação é algo que não nos atravessa por ser rasa e rápida demais. O sujeito da informação é cheio delas, mas isso não é garantia de que algo lhe aconteça no sentido de uma profunda experiência sobre o que “sabe” por meio da informação. Experimentar algo com profundidade está diretamente atrelado a uma relação contemplativa e de entrega com o tempo, isento de níveis acelerados de trabalho e com investigações que atravessem o nível da informação e da opinião sobre algo. Investigações profundas dependem de uma noção mais intensa de entrega e, principalmente, solicitam um envolvimento mais aprofundado com o tempo. Tempo que dedicamos à vida, ao trabalho, ao estudo, ao lazer. A atualidade nos convida a uma hiperatividade que acumula tarefas e nos deixa suscetíveis a estabelecer um envolvimento bastante automático com nossas experiências.

Seguindo o pensamento de Benjamin, o envolvimento rarefeito com a experiência nos impossibilita de estabelecer um vínculo profundo com a memória, bem como de realizar elaborações estéticas. Lembranças são ajustadas de acordo com novas informações que recebemos e armazenamos em camadas mais superficiais de nossa memória, porém, carregamos a memória mais profunda através da perspectiva com o momento vivenciado. A memória é imprescindível à experiência, e para que esta seja compreendida profundamente devemos nos relacionar de forma intensa com o presente. Com uma relação vaga e sem a abrangência de significado, reduzimos a experiência a uma vivência somente imediata. Quando nos entregamos com uma intencionalidade mais profunda é que se abre a porta para penetrar num campo livre, onde se pode explorar a realidade com outras possibilidades do real. É quando se faz uma brecha para o sonho impelir e redimensionar a vida em novos espaços que iluminam a realidade: formas inusitadas de compor o presente. Essa é uma experiência que opera no sonho e na poesia e está situada no reino privilegiado do ser livre, onde o passado e presente se encontram. Por vezes, nessa tentativa de compreender e explorar novas formas da realidade — dialogando entre o externo e o interno — é possível atravessar um portal e acabar manifestando arte.

No processo de realização de uma pesquisa sobre narração, tenho procurado narradores em ruas, praças, vagões de trem e, curiosamente, tenho encontrado. Desta forma uma pulga ainda pula e coça e me faz pensar, se Benjamin afirmou o fim da arte da narração, como me encontrei com tantos narradores no cotidiano? Parece-me que estavam escondidos em cantos como aquela poesia que ficou na calçada esperando para nascer em flor.

Os paradoxos da modernidade, aqui apontados, não valorizam as qualidades da oralidade e de seus narradores, mas permito-me levantar a hipótese de que o que está em falta não é somente a figura do narrador de história, mas, sobretudo, ouvintes atentos para que o fenômeno da narrativa ocorra. Benjamin afirma que é necessário renovar, buscando uma nova forma de narratividade, e quem sabe narrar é também estar aberto para ouvir e valorizar as experiências reconhecendo modos de viver.

Diferentes e inusitadas maneiras de experienciar esta aventura chamada vida tenho encontrado na boca de quem me conta. É difícil resistir aqui às lembranças de Seu José que está agora gritando com vontade de emergir neste texto. Com este narrador — tão excêntrico quanto este grito no texto — me encontrei uma única vez num vagão de trem, onde me narrou uma passagem de sua vida. Foi num trem da estação Guaianazes, Zona Leste de São Paulo, num dia quente de abril. O vagão, às onze da manhã, partia em mais um trajeto habitual — talvez fosse aquela a sua quinta viagem do dia. Pessoas falavam baixo deixando somente escapar uma risada ou outra. O ruído do trem embalava um sacolejo que ninava passageiros, alguns se entregaram encostando às janelas: olhos fechados e cabeças baixas. Tudo convidava a um descanso rápido, permitindo que o correr das horas brincasse de cotidiano no seu hábito diário. Era mais um dia e fosse um sossego se uma ruptura não rompesse a calma invocando uma cena de Fellini. Seu José

entrou em grande estilo no vagão sem economizar na altura da voz, ecoando nos espaços vazios atos de óperas diversas. Segurava um livro na mão e usava um azul listrado que ornava com o tom dos letreiros do trem. Cabelos e sobrancelhas alvejados pela idade, sorriso largo e um humor raro; as horas desaceleraram para dar tempo de ouvir suas histórias e canções. Enquanto escolhia majestosamente um assento caminhava entre as pessoas como quem agradece a presença do público, alguns sorrisos já se desenhavam em sua direção. E o vagão do trem se fez palco mais uma vez. Eu, que assistia sua entrada como boba, também abria meu sorriso tentando uma aproximação. Bastou um sorriso, somente um para começarmos a conversar. E bastou pouco, muito pouco para somente ouvir aquele narrador me dizer: “Gosto de andar de trem, mas se eu ainda tivesse direito iria de carro. Um fortuito me tirou o direito de dirigir”.

Entre tantas coisas que me contou, sobre a juventude na ópera de São Paulo e o comércio de tecidos, tentou me explicar por que andava de trem me atravessando com esta história um tanto extraordinária:

“Eu e minha senhora, senhora que me acompanhou durante muitos anos de alegria, passeávamos pelo centro da cidade quando vivenciamos algo muito peculiar. O carro que eu conduzia começou a tremer, e iniciou um balanço de um lado para o outro como um barco em mar aberto. Percebi então que as rodas de meu veículo já não encostavam mais no chão. Na porta de meu carro nasceu uma enorme asa lilás. Olhei apressado para a outra porta e lá estava: outra gigantesca asa lilás. Elas eram assustadoras, mas muito bonitas.”

E o carro de Seu José virou o que ele chamava de carro-pássaro, e forçava para subir ao céu. Assustado, olhava para baixo e via as coisas virarem miniaturas, as casas, as pessoas, tudo ia ficando cada vez menor.

“Tentava dirigir meu carro-pássaro com pouco controle sobre a direção e nenhum sobre o freio, eu desviava dos pássaros desavisados sobre a nossa presença, e à nossa frente as nuvens. Eu e minha senhora nos olhamos, e silenciosos enquanto nuvens foram abrindo caminho para nossa passagem. E o carro-pássaro adentrou o céu para que pudéssemos ver: São José, São Cosme e São Damião. Não, eu não pude cumprimentá-los, pois o freio do carro-pássaro não funcionava. Sim, chegamos às alturas em alta velocidade e sem nenhum breque.”

“Alguns anjos perderam suas penas enquanto cantavam acelerados à nossa chegada. E acredite, todos ali nas laterais do carro nos olhando, assustados: São Judas Tadeu, São Benedito, Santa Rita, segurando a lanterna São Longuinho e São Francisco ladeado por animais — até cobra vi no céu! Fiquei um tanto dividido entre os acenos para os santos e a direção do veículo, tinha que desviar do que via ou acabava atropelando algum santificado.”

“O carro, num deslize rodopiou nas nuvens: Santa Clara, São Jeremias e São Jorge! Domei o volante: São Tomás de Aquino, São Roque, Santo Expedito e Nossa Senhora da Conceição. De repente avistei Santa Maria (pausa longa e

mão na boca), que mulherão! Jesus! O carro felizmente parou antes de bater numa mesa de pedra cinza e rústica. Na parede tão velha quanto a mesa havia fileiras infinitas de molhos de chave. Estava no setor de São Pedro que surgiu na minha frente já dizendo enquanto reconhecia meu rosto assustado: ‘Seu José? Que faz aqui hoje? Nós ainda não estamos prontos para recebê-lo’. E foi aí a parte mais difícil. Pois como num milagre apareceu um imenso buraco negro no céu por onde eu e minha senhora despencamos céu abaixo dentro de um carro agora sem asas. Caí e somente acordei com o som de alguém batendo no vidro da janela de meu carro. Abri devagar meus olhos ainda ofuscados para enxergar um policial e uma velha parede cinza quebrada. Quando consegui abrir a janela, o fardado me disse: ‘Carta de motorista, senhor’. Mas quantos anos o senhor tem? ‘Seu José, o senhor poderia ter causado um acidente grave, poderia ter perdido sua esposa, está arriscando a própria vida’. E eu, meio tonto, meio alegre, respondi ao policial: Hoje não seu guarda, hoje não! É que o pobre São Pedro ainda não estava pronto pra me receber no céu.”

Seu José desceu no Tatuapé. O espaço se fez silencioso. Logo as crianças voltaram a correr e os adultos ajeitaram suas cabeças se entregando ao cochilo. Eu, atrasada, pensava em ter asas lilás.

Narrar talvez esteja para além da pessoa do narrador, e deixo aqui um desafio particular de inversão de papéis entre narrador e ouvinte. Sigo buscando maneiras de intervir no cotidiano e estimulando o outro a narrar sua própria experiência. E se para Benjamin, a obra de arte não se encontra presa em seu contexto de origem, mas transporta uma inscrição móvel que adquire seu significado no contato do “aqui e agora”, ou seja, também no encontro da relação entre sujeitos talvez seja possível gerar um acontecimento poético perfazendo o diálogo entre narrador-ouvinte-narrador-ouvinte.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **O Narrador** – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas: Magia, Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. **Experiência e pobreza**. In: Obras escolhidas – I. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Imagens de Pensamento**. Rua de mão única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Barbosa, São Paulo: Brasiliense, 1997.

\_\_\_\_\_. **“A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª ed. 10 reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em W. Benjamin**. Campinas, SP: São Paulo: Perspectiva / FAPESP / UNICAMP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Walter Benjamin ou a história aberta** In: Obras Escolhidas – Magia e Técnica Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LARROSA, Jorge. **Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência**. Revista Brasileira de Educação. N. 19. Jan./abril 2002.